

PRODUÇÃO ESCRITA: UM TRABALHO RELEVANTE E DESAFIADOR NA SALA DE AULA

Viviane Augusta da Silva¹
Kleyton Adriano Silva²
Joelma Santana Reis da Silva³
Hélio Pereira⁴

RESUMO

Este estudo concerne em identificar como acontece o ensino e a aprendizagem através do ensino da leitura e produção de texto, desenvolvida nas escolas, considerando os diversos níveis de escolaridade, como prática pedagógica na perspectiva do letramento. O trabalho foi desenvolvido com base em pesquisas bibliográficas, como: Brasil (2017), Cerqueira (2012), Oliveira (2018), Soares (2017), Ferreira (2017) dentre outros, visando a compreensão de aspectos importantes sobre a aprendizagem e discutindo os desafios enfrentados pelos professores ao trabalhar com os estudantes textos de forma mecânica e descontextualizadas, levando ao fracasso escolar. O estudo levou a conclusão que existem práticas desfavoráveis no que tange ao ensino aprendizagem da prática de produção de textual nas escolas. Entretanto, ao analisar todo o contexto, foi possível inferir que a problemática é resultado de uma série de fatores, dentre eles, o despreparo docente para trabalhar de forma eficaz e despertando o senso crítico dos estudantes. Nessa pesquisa mostrou que é necessário que haja formação continuada para esses profissionais a fim de desenvolver em seus estudantes a competência discursiva, tornando-os sujeitos hábeis na compreensão e na construção de significados por meio da escrita.

Palavras-chave: Aprendizagem; Produção de texto; Professores; Formação continuada.

INTRODUÇÃO

Produzir textos em uma sociedade letrada e atualmente tecnológica é uma tarefa desafiadora, pois concorrer com as novas tecnologias, que abrange um leque de entretenimento, não é fácil. Escrever não é fácil, é uma atividade mental, que requer concentração, pensamento, exercícios de observar, revisar, construir, reconstruir e concluir.

¹ Mestranda em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade pela Associação Naturalis Educacional-ANE; vivianeaugusta80@gmail.com;

² Mestrando em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade pela Associação Naturalis Educacional-ANE; professorkleytonn@gmail.com

³ Mestranda em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade pela Associação Naturalis Educacional-ANE; joelma.1981@outlook.com;

⁴ Mestrando em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade pela Associação Naturalis Educacional-ANE; pereirahp@hotmail.com;

Tem sido relevante que o aluno conheça os mais diversos gêneros textuais, como notícias, reportagens, artigos, receitas, contos, dentre outros, a fim de ampliar a leitura o conhecimento linguístico e textual, tornando-os hábeis na compreensão e construção da escrita.

Neste trabalho serão abordados alguns conceitos e considerações acerca das práticas de escrita, tais como: aquisição da escrita, sua importância na sociedade e sua função social e o estudo do texto, realizados nas escolas.

A aquisição da escrita pela criança é um tema que tem sido alvo de discussões e inquietações pelos pesquisadores. A escrita está em quase toda parte, nos mais diferentes contextos culturais e sociais e vai desde a escrita de uma simples carta até a produção de um e-mail, que se trata de um gênero do discurso do mundo virtual. Sendo assim, a escola desempenha um papel essencial em relação ao desenvolvimento da língua escrita dos estudantes.

Tem se ressaltado que a escola não deve ser o único local da aprendizagem escrita, mas lá deve ser utilizado esse contato com os diferentes escritos, além de ser um espaço onde se desenvolvam as práticas discursivas e as utilizem de forma significativa, de uso real no contexto social. Segundo Oliveira e Ribeiro (2018, p. 78): “a escola deve levar o aluno a ter acesso às informações e saber compreendê-las”. A escola precisa criar condições e espaços para a criança aprender de forma real e significativa.

Assim, o papel que a escola desempenha na perspectiva de letramento, vai além do ler e escrever de forma mecânica. Os estudantes vão adquirindo novos conceitos, estes vão se transformando de acordo com o meio em que estão inseridos e a sua relação cognitiva com o mundo.

O estudo com textos em sala de aula é um outro desafio a ser enfrentado pelos professores, pois a sua maioria não consegue extrair o verdadeiro sentido do texto e trabalhá-lo de forma significativa e reflexiva com os alunos.

A partir daí, veremos nos tópicos seguintes a metodologia utilizada nessa pesquisa, o desenvolvimento da criança a partir da aquisição da escrita, a relevância da escrita enquanto função social, finalizando com o fracasso escolar quando não se trabalha a escrita na perspectiva de letramento.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nessa pesquisa teve caráter qualitativo, pois trata-se de uma metodologia para intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos, organizações

e comunidades (GIL, 2010). Foram utilizados os seguintes artigos: a Produção de Textos na Escola de Maria Elias Soares, Leitura e Produção Textual: inserção do texto em sala de aula, de Cerqueira, Débora de Cassia da Silva e A Prática Social da Escrita: uma perspectiva de letramento, de Oliveira, Célia Patrícia Alves de, e Ribeiro, Rose Mary, nas bases de dados Portal de Periódicos da Capes e Google Scholar. Nestes artigos, os autores fazem uma pesquisa com docentes e estudantes acerca do ensino e aprendizagem da prática de leitura e escrita realizados na escola, algumas questões relevantes que permeiam a escrita enquanto prática social, dentro da perspectiva do letramento.

Metodologicamente foram efetivados estudos de campo de caráter qualitativo com os estudantes. Houve coleta das informações, por meio do emprego de um questionário e pelo formulário google forms. O referido instrumento foi aplicado individualmente aos pesquisados e foi produzido pelos pesquisadores, todos de língua portuguesa do ensino fundamental e médio do curso de Letras. Foram feitas duas listas de textos diferentes, que poderiam ser produzidos em atividades escolares e outro fora da escola.

Essas listas foram apresentadas pelos próprios professores aos estudantes das escolas selecionadas para que estes indicassem os textos que eles produziam nas diversas situações de prática de escrita. São analisados os relatos dos professores, suas impressões a respeito dos planos de aula e dos livros didáticos, os questionários por eles elaborados e os resultados obtidos na aplicação dos testes. Foram examinadas redações dos estudantes envolvidos na pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Escolaridade e aquisição da escrita

Tratar do tema sobre aquisição da escrita não é tarefa tão simples, requer muito estudo, dedicação e organização do pensamento, além do conhecimento teórico, linguístico, pois é um grande desafio para a criança, sujeito que está em fase de aquisição da escrita.

Para a maioria das pessoas que vive em uma sociedade letrada, Soares (2017) afirma que ocorre em dois momentos: quando a criança começa a falar e quando percebe que para escrever, ela precisa usar expressões e estruturas diferentes daquelas que ela usa na linguagem oral.

A língua oral e a língua escrita são bastante discutidas e relevantes no estudo da aquisição da competência textual. Segundo Soares: “uma das propostas para abordar a questão,

pelo menos em se tratando de gêneros prototípicos tratados na escola, consiste em abandonar a dicotomia língua oral x língua escrita como modalidade...” (SOARES, 2017, p.21).

Na perspectiva de Biber (1988) uma análise multidimensional, tomando as dimensões como escalas contínuas.

Diante desse contexto de compreensão da escrita, questiona-se em que medida as formas, processos e usos da língua escrita são diferentes dos da língua oral? Quais contextos favorecem a sua aquisição?

Dentre as várias explicações sobre a apropriação do sistema de escrita, iremos falar sobre duas posições que tratam do processo de desenvolvimento da fala e da escrita. A primeira analisa até onde as hipóteses sobre aquisição da linguagem podem ser relevantes para o estudo da escrita. Segundo Kato (1986, p. 101): “os processos exigidos na leitura e na escrita são ambos parcialmente isomórficos com a forma e os processos envolvidos na fala”. A segunda compreende que a aquisição da escrita se dá quando a criança usa seu conhecimento e habilidades da fala para entender a natureza da língua escrita, praticando-a através da utilização das novas estruturas aprendidas. De acordo com Danielewics (1987) e Teberosky (1982) todos os falantes tem uma representação do que se escreve e do que não se escreve.

Segundo Rockwell (1987), há dentro do processo de apropriação de leitura e escrita, no mínimo três dimensões diferentes:

- a) ao sistema em si;
- b) aos usos escolares da língua escrita;
- c) ao acesso a outros conhecimentos mediante a língua escrita.

Segundo a autora, a escrita exige existência social a processos sociais e interações que lhe dão sentido.

Diante dessas considerações, o papel da escolaridade na aquisição da escrita vai além do ler e escrever de forma mecânica. No ambiente escolar a criança adquire outras habilidades linguísticas, por meio do instrumento linguístico de que já dispõe. Sendo assim “são habilidades que lhe permitem lidar, por exemplo, com um vocabulário cada vez mais apropriado e abstrato, estruturas sintáticas mais complexas, tópicos e estruturas textuais diferentes daqueles usados na conversação ordinária” (SOARES, 2017, p.22). A criança aprende a usar os vocábulos diferentes dos que ela costuma utilizar no ambiente familiar.

A criança vai adquirindo novos conceitos constantemente, estes vão se transformando de acordo com o seu contexto social, uma nova relação cognitiva com o mundo. “Durante o processo escolar, a criança raciocina reproduzindo operações lógicas, novas para ela, com base nas explicações recebidas” (VYGOTSKY, 2001, p.41).

Na escola, a criança aprende a ler e lê para aprender. A criança compreende que dentre as várias funções que a escrita tem, uma delas é ler para aprender.

Segundo as pesquisas sobre aquisição da escrita desenvolvidas nas áreas de linguística textual e psicolinguística, há uma advertência de que nem todas as dificuldades de compreensão e produção de um texto podem ser devido ao desconhecimento do significado das palavras que constitui o texto. Vários são os fatores que levam a uma compreensão e produção de texto de forma coerente.

De acordo com Soares:

Devem ser levados em conta os mecanismos de coesão textual, as estratégias para o estabelecimento da coesão local e global, a força ilocucionária dos atos de fala que são produzidos, os dados do contexto, e sobretudo, o conhecimento das características constitutivas dos gêneros e tipos de textos. (SOARES, 2017, p.22)

Essas orientações nem sempre foram seguidas pelos professores, pois muitos apresentavam dificuldades no conhecimento literário em que se devia fundamentar a sua prática de ensino, quanto e também como não sabiam como conduzir o processo de produção textual em sala de aula.

A relevância da escrita enquanto função social

A escola contribui significativamente no papel da escrita enquanto função social, apresentando e valorizando a linguagem escrita à criança. Segundo Oliveira e Ribeiro (2018, p. 70) “a escrita não pode ser ensinada apenas como código necessário para a transcrição som/letra ou apenas como habilidade motora fina e sim como “atividade cultural complexa”. A escola precisa trabalhar com os estudantes na perspectiva de letramento.

O conceito de letramento compreende que o domínio das habilidades de leitura e escrita estão intimamente ligados nas questões sociais, culturais, políticas, econômicas, linguísticas, lógico-cognitivo, em todos os seus aspectos.

Segundo o pensamento de Kleiman (1995), letramento é conceituado como “conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto um sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. É nesse contexto que o letramento, como função social, será determinante.

É de fundamental importância o trabalho da escola em desenvolver o letramento nos estudantes, pois uma comunidade letrada fará o diferencial, pois se insere na sociedade como cidadão de forma crítica, realiza sonhos, conquista seu lugar no mercado de trabalho, muda de

status, sai da ignorância e é a escola que tem o dever de desenvolver esse papel e levar as crianças ao universo textual.

Para Soares:

A necessidade de habilidades de letramento na nossa vida diária é óbvia, no emprego, passeando pela cidade, fazendo compras, todos encontramos situações que requerem o uso da leitura ou a produção de símbolos escritos. Não é necessário apresentar justificativas para insistir que as escolas são obrigadas a desenvolver nas crianças habilidades de letramento que as tornarão aptas a responder a estas demandas sociais cotidianas. [...]. (SOARES, 2017, p.73)

Quando a escrita desempenha a sua função social, é perceptível a mudança de comportamento do indivíduo: há busca pelos seus interesses, legibilidade e compreensão.

De acordo com Oliveira e Ribeiro (2018, p.73) “Escrever não é tarefa fácil, é tarefa mental que requer diversas ações como: pensar, pontuar, revisar, reconstruir e finalizar”. Porém é necessário que seja feito um trabalho na perspectiva do letramento, pois assim a escrita desempenhará a sua função social, enquanto instrumento de transformação. Marcuschi (2001) sugere a perspectiva interacionista, em que a língua é vista como fenômeno interativo e dinâmico e uma das melhores opções para análise das práticas sociais. Segundo Geraldí (1996), citado por Oliveira e Ribeiro (2018, p.73) “o estudo da língua não pode deixar de considerar as “instâncias sociais”, o que denota que a língua não pode ser entendida como produto acabado, pronto e sim como prática social em construção e validação de seus usos e formas. A língua faz parte do grupo em que o indivíduo está inserido e é mutável. Ainda segundo Geraldí (1996) é a partir das interações que as crianças constroem as diferentes regras para o uso da linguagem.

A interação entre a criança e o texto facilita a compreensão da estrutura, do gênero ao qual ele pertence, e o ato de antecipação facilita a leitura compreensiva Segundo Oliveira e Ribeiro (2018, p. 75) “Quanto maior o contato da criança com o universo escrito, mais fácil será compreender as funções e usos da linguagem escrita. ” A leitura deve estar presente no ambiente escolar como uma atividade significativa, com atividades de funcionamento real da linguagem. É necessário estimular o hábito da leitura nos estudantes, mostrar os diversos gêneros, a fim de ampliar o sentido linguístico do aluno.

Um outro aspecto bastante importante é a experiência que os professores precisam ter com os diversos portadores textuais, o seu universo textual precisa ser grande e não reduzido apenas ao repertório escolar. Para Oliveira e Ribeiro (2018, p. 76): “o espaço escolar permite o contato de alunos de diferentes comunidades, concentrando valores, ideologias, culturas distintas em um único ambiente”. E a escola deve utilizar esse contato a seu favor, segundo Matencio (2001).

Os gêneros textuais têm uma relação com a função social da linguagem e os propósitos comunicativos. Infelizmente muitos professores não tinham conhecimento das características dos diversos gêneros textuais e por isso o ensino da escrita limitava-se a correção puramente gramatical e gráfica. Era feita a correção dos erros e não uma reflexão em cima dos erros, o que tornava o trabalho improdutivo e inútil.

A Base nacional Comum Curricular (BNCC) baseada também nos PCNs aponta que com a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua portuguesa (1998), o ensino da língua já se direciona para os fenômenos enunciativos textuais, com enfoque para os gêneros, a fim de preparar o aluno para o uso da linguagem, em seus diferentes propósitos comunicativos.

De acordo com os PCNs:

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística que os caracterizam como pertencente a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (BRASIL, 2017, p. 23)

É papel da escola levar o aluno a ter informação e saber compreendê-las. O ensino da Língua portuguesa precisa ter como foco o ensino de leitura e compreensão e produção de textos, com sentido. Oliveira e Ribeiro (2018, p.79) apontam:

O acesso a escrita não pode ser considerado como um privilégio de poucos, ela é um processo que viabiliza a comunicação social, independente da sua condição social e a escola deve ser o elo de socialização, o lugar de concretização desse saber que potencializa o ser humano”.

Texto como pretexto: fracasso escolar

Durante muito tempo as aulas de Língua portuguesa resumiam-se ao ensino de estruturas gramaticais. É perceptível nas produções de textos dos estudantes: se expressam mal, não sabem sintetizar as ideias de um texto ou enunciado, simplesmente porque não foram trabalhados para tal. O estudo do texto era usado na escola como pretexto, porém seu foco principal era o estudo da gramática o que se constitui um dos grandes erros das aulas de português, pois deveriam focar no estudo de leitura e compreensão com significado e mostrando a sua função social. Tagliani (2011, p.13) destaca: “o livro didático é o único instrumento de leitura utilizado pelos alunos tanto em sala de aula como no ambiente doméstico e que no ambiente escolar este não é explorado quanto à sua variação de gêneros. Para ela, os alunos leem e interpretam superficialmente o texto”.

O trabalho realizado na sala de aula pelos professores, não contribui para o desenvolvimento linguístico nem crítico. Lígia Chiappini (1997, p.24) afirma que: “na escola

os alunos não leem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras”.
O ensino da língua portuguesa é centrado no domínio da gramática, conforme afirma Geraldí:

Parece-me que o mais caótico da atual situação do ensino de língua portuguesa em escolas de primeiro grau consiste precisamente no ensino para alunos que nem sequer dominam a variedade culta, de uma análise dessa variedade com exercícios contínuos de descrição gramatical, estudo de regras e hipóteses de análise de problemas que mesmo especialistas não estão seguros de como resolver. (GERALDI, 1997, p.45)

Nesse sentido, entende-se que o aluno precisa conhecer e dominar a variedade culta da língua, realizar exercícios de fixação com foco na gramática, descrever as regras e relacioná-las, tarefa que até os especialistas na área tem dificuldades.

Esse modelo de ensino perdurou durante muitos anos, e na década de 80 teses são elaboradas para que se reveja o ensino da língua e que se trabalhe com textos, que retratem a realidade, de forma contextualizada, possibilitando o desenvolvimento da competência discursiva. Os Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs, apontam que essa competência deve ser alcançada pelo aluno na escola.

Segundo os PCNs (1998, p. 29) terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental de Língua portuguesa “Atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfazem as demandas sociais até há bem pouco tempo e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente”. O professor precisa compreender que a leitura apresenta várias funções, dentre elas, o prazer de ler. Portanto, ele precisa revisar e refletir sobre a metodologia utilizada, pois muitas vezes a utiliza de forma equivocada, não permitindo que o aluno faça uma leitura livre, mas sempre solicitando uma atividade mecânica, o que causa frustração em relação à leitura. Para segundo Freire (2012, p. 21) citado por Cerqueira (2012, p.30), a “importância do ato de ler (...), implica sempre percepção crítica”.

O trabalho na sala de aula deve abranger os diversos gêneros, possibilitando ao aluno entrar em contato com a realidade social, com os diversos sentidos existentes, a partir das várias leituras realizadas.

Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. (BRASIL, 2017, p. 23)

Os diferentes gêneros provenientes das novas tecnologias, também devem fazer parte do currículo escolar, a escola precisa ampliar a sua metodologia visando atender as novas propostas e objetivos do mundo atual. Para Cerqueira (2012, p.30), segundo Marcuschi (2008, p. 1998), “se a escola deverá amanhã se ocupar de como se produz um e-mail e outros gêneros

do discurso do mundo virtual ou se isso não é a sua atribuição. Pode a escola continuar ensinando como se escreve cartas [...]?”.

De acordo com os PCNs (1998), dos terceiros e quartos ciclos do Ensino Fundamental, a causa do fracasso escolar é a falta do domínio da escrita pelos alunos. Os PCNs (1998, p. 23) revelam que “a unidade básica do ensino só pode ser o texto”. A gramática de forma descontextualizada pouco tem a ver com a competência discursiva.

Deve-se deixar claro que o ensino da Gramática não deve ser extinto no ensino da língua portuguesa, porém ela deve ser contextualizada, de forma que haja reflexão, pois como afirma Neto (1996, p. 135) ela deve servir como “recurso para o aprimoramento da sua expressão escrita e que o ensino de língua deve conduzir o aluno a ler e escrever com compreensão e profundidade”. A atividade de produção de texto no ambiente escolar deveria servir como instrumento de aprendizagem e não utilizar o texto como pretexto para focar no ensino da gramática pura e seca e descontextualizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa revelam que os professores estão satisfeitos com a orientação dada pelos livros adotados, pois estes demonstram uma preocupação com a linguística textual. Eles trabalham o aperfeiçoamento do texto por meio de exercícios de coesão e coerência. Conforme os mestres, as propostas dos livros didáticos são adequadas às atividades realizadas em sala de aula e apresentam vários tipos de textos: literários, informativos e “práticos”.

De acordo com os pesquisadores, a análise dos planos de aula e dos livros didáticos demonstra que as propostas ainda estão distantes da forma como vem sendo pensado o ensino.

Ao analisar os questionários elaborados pelos professores, constatou-se que o conceito de gênero discursivo é difícil de se compreender, além da confusão entre gêneros e tipos de texto. As atividades de produção de escrita se resume à produção de letras de músicas religiosas, hinos, tradução de músicas nas aulas de Inglês. Na escola, o aluno restringe-se à realização de atividades de transcrição, reprodução e decalque, tarefas em que não se exercita a autoria e a criação de textos.

Em contrapartida outros resultados da pesquisa revelaram que os professores compreendem o que é o letramento, porém não evidenciavam em suas respostas como atividades para uso real e social da escrita trabalhadas na escola, e muitos colocaram o uso do livro didático como principal fonte de trabalho com o texto. O resultado mostrou também que às vezes, o contexto escolar pode não refletir uma realidade que deveria ser trabalhada em seu

contexto social, pois os alunos do 5º ano revelaram o desinteresse dizendo que escrever é ruim, que escrevem quando a professora manda, que fazem essas produções apenas na escola e quando não fazem, é porque não sabem escrever.

Um outro ponto bastante relevante que os estudantes falaram em relação à escrita, foi que eles escrevem para o professor.

Diante dessas respostas, ficou evidente que muitos não reconhecem a escrita como função social, nem como uma prática diária.

Foi realizado um trabalho com textos pelos pesquisadores e no início os estudantes demonstraram muita resistência em escrever, mas após iniciarem a exploração do texto, de forma oral, percebeu-se uma interação e um maior interesse quando recebiam um texto. Os alunos participavam com um olhar diferente e passaram a perceber na comunidade em que estão inseridos, as situações de escrita que foram vivenciadas durante o trabalho com eles na sala de aula. Percebeu-se que é possível que os alunos percebam a utilidade da escrita como um significado real, como diálogo com a realidade, como possibilidade de reflexão.

Por fim, ficou evidenciado que a escola valoriza a escrita, entretanto não a trabalha na perspectiva de construção de sua função social, reduzindo-a somente ao processo de aprender a escrever. Não leva em consideração o papel social que a escrita desempenha, que vai além do ambiente escolar. Numa outra percepção, os resultados revelaram que os alunos não redigem bem e que, portanto, a escola não está correspondendo aos objetivos relacionados ao desenvolvimento da expressão escrita.

Foi constatado a ineficiência da escola quanto ao objetivo de desenvolver nos alunos a competência discursiva, ou seja, de melhorar nos alunos a capacidade em lidar com a linguagem, tornando-os sujeitos hábeis na compreensão e na construção de significados por meio das atividades de leitura e escrita.

Foi percebido também que a atividade de produção textual na escola, na maioria das vezes serve somente como instrumento de avaliação e não de aprendizagem. E ao utilizar o livro didático como o único instrumento de leitura utilizado pelos alunos, ocorre um empobrecimento no nível de leitura e um desfavorecimento do desenvolvimento da capacidade dos alunos quanto a análise crítica. Os textos são utilizados como pretextos para o ensino da gramática de forma descontextualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em tela buscou aprofundar não só a concepção da leitura ou escrita de forma isolada, mas apresenta que cada criança aprender a ler e escrever no seu tempo de desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Este segmento se dá através da elaboração de hipóteses e do desenvolvimento cognitivo, que lhe permitem avanços diante do sistema de escrita. Sendo assim, é notável que o estudante é submetido a estímulos dentro do contexto de ensino e a partir destes se constituem as possíveis conquistas no processo construtivo do ato de ler e escrever.

Como já evidenciado no embasamento teórico, é perceptível que na complexidade e processo que levará o estudante ao letramento, este desenvolve seu processo de ensino mediante estímulos ministrados neste sentido, pelo professor em parceria constante com o social, de modo que este ensino aconteça de maneira significativa, atrelado ao contexto do aprendiz. Assim como a escrita, jamais deve ser dissociada do contexto social. É fundamental que o profissional da educação disponha de uma visão ampla, que seja relevante para o despertar do processo de letramento contextualizado de seu estudante. Evidencia-se que, quando o ensino perpassa pelos conceitos sociais, este oportuniza no aprendiz o senso crítico e, portanto, se faz um escritor embasado em temáticas diversas, numa sociedade rica em conceitos e contextos. Pois, só através de diversas leituras, leituras extraídas de diversos gêneros textuais, sendo considerada as suas especificidades, dentro do universo do processo comunicativo e função social da linguagem, essa escrita surge sem dificuldades.

Dentro desta análise fica nítido que o estudante precisa ser estimulado por meio de uma variedade de textos, principalmente, materiais que chamem a atenção da criança, como textos que sejam de acordo com a realidade na qual estão inseridos para que a familiaridade e o interesse venham ser despertados. Nessa realidade, devem ser considerados texto dentro dos seus respectivos gêneros que sejam abordados numa perspectiva significativa. Neste sentido, os docentes ainda que na educação básica – ensino infantil ou anos iniciais do ensino fundamental – precisa ir além das interpretações dos níveis conceituais de escrita das crianças, precisam intervir didaticamente para que superem suas hipóteses e apoderem-se das propriedades do sistema de escrita alfabética na perspectiva do letramento.

REFERÊNCIAS

BIBER, Douglas. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press. 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** (2017). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 18/07/2021.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiros e quartos ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF. 1998.

CERQUEIRA, Débora de Cássia da Silva. **Leitura e produção textual: inserção do texto em sala de aula.** *Graduando*, v. 3, n. 4, p. 25-36, 2012.

CHAFE, W. e DANIELEWICZ, J. Properties of Spoken and Written Language. *Thematic Development in English Texts.* In M. Ghadessy (Ed.), **Thematic Development in English Text (pp 83-113).** Londres: Pinter Publisher. 1987.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2017.

CHIAPPINI, Ligia M. Leite. **Reiventando o diálogo.** RS – Porto Alegre. Brasiliense. 1987.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: _____. (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997, p. 39 -56.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado da Letras, 1995.

MATENCIO, M. L. M. **Práticas discursivas, gêneros do discurso e textualização.** *Revista Estudos Linguísticos*, XXXV: “52. Seminário do Grupo de Estudos do Estado de São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, C. P. A. de.; RIBEIRO, R. M. A prática social da escrita: uma perspectiva de letramento. **Revista Educação, Escola e Sociedade.** Montes Claros, v.11, n.12, p. 68-82, 2018.

SOARES, M. E. **Alfabetização a questão dos métodos.** Editora: Contexto. ISBN: 9788572449588, 8572449582. Ano de publicação - 2017.

SOARES, M. E. **A produção de textos na escola.** *Revista do Gelne*, n. 1, p. 21-25, 1999.

TAGLIANI, Dulce Cassol. **O livro didático como instrumento mediador no processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa: a produção de textos.** RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 135-148, 2011.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.